5.º Anno — Lisboa, 3 de Dezembro de 1888 — Numero 15

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES: — Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo *(Beldemonio)*; Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torresão; Gallis (A.); J. Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; M. Mesquita; Pinheiro Chagas; S. de Castro; Silva Pinto; Thomaz Ribeiro; V. de Monsaraz; V. de Bemalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO: — *Chronica*, por Joaquim Lima. — *Perfis*, versos, por Luiz da Silva. — *D. Felix Nieto da Silva e as campanhas da Restauração*, continuação, por Pinheiro Chagas. — *O filho do conspirador*, continuação, por Alberto Pimentel. — *Morrer com honra*, conto, por Raphael d'Almeida. — *Começo d'um reinado*, continuação, por Marques Gomes. — *As nossas gravuras*. — *Em familia (passatempos)*. — *A rir*. — *Um conselho por semana*. — *Uma somma*, conto, por Alfredo Mesquita. — *Edmond e Jules de Goncourt*, por Camillo Queiroz.

GRAVURAS: — *A balsa do Havre*. — *Modas*. — *Valsa dos «Sinos de Corneville»*. — *O conde da Silva Monteiro*. — *O sino de Moscou*.

CHRONICA

Muito catita, a marcha do Progresso.

Antigamente, a soberania das nações, se não podia affirmar-se pelos principios de direito, affirmava-se em campos de batalha. Hoje, toca trombone, a soberania das nações.

Que necessidade temos de revolver as paginas nebulosas do Heter ou do Bluntschli, para que armar em pé de guerra exercitos assustadores, se a nossa independencia, o magestoso logar que no concerto europeu nos é devido, as nossas tradições, emfim, se acham tão fortemente garantidas pelos pulmões patrioticos da Philarmonica 1.º de Dezembro?

Logar ao bombo que passa! Durma em socego a D. Brites, e tenha a ex.ma sr.ª D. Filippa de Villena, que Deus haja, muita saude e bons crusados novos; não ha exercito hespanhol capaz de transpor as fronteiras, desde que saiba que o espera, do outro lado, uma sociedade recreativa musical, com pratos, tambor e tudo.

Eu não transpunha, juro, nem que eu fosse um exercito hespanhol.

Que estranhas voltas dá o mundo no decorrer dos seculos! Quem diria aos quarenta conjurados, ha cerca de trezentos annos, que a sua heroica acção, de tão profunda influencia tinha de sêr para o futuro do saxophone, ficando, aliás, tão contestavel, no que respeita aos beneficos effeitos que exerceu sobre os destinos portuguezes? Quem lhes diria que, em 1888, tinha Portugal de ostentar uma soberania sem vintem, e que na celebração da sua independencia, tamanha despeza havia de fazer em decilitros?

Vão talvez accusar-me de iberista as phylarmonicas do reino; mas, meus amigos, artisticos irmãos d'Apollo e de Minerva e d'outras bruxas que taes, triste verdade é esta: em Portugal ha duas faltas importantes: a do dinheiro, e a do juizo. E é com lagrimas, creiam, que lhes escrevo isto; porque eu sou portuguez e sinto profundamente em mim aquellas duas faltas...

*

No fim de tudo, quem sabe se estes obscuros patriotas que hoje, modestamente, quasi patuscamente, festejam o anniversario da nossa independencia, quem sabe se elles não serão sinceros?

E sendo a sinceridade uma virtude tão rara nos nossos tempos, se elles por acaso a manifestam, os enthusiasticos festeiros, para que havemos de sorrir-lhes em vez de os admirar?

Filhos do povo, do povo pequenino, do povo ingenuo, d'aquelle cuja força extraordinaria tão poucas vezes faz sentir-se, eil-os ahi cantarolando alegres um hymno para o qual, em 1630, com certeza, ninguem diria os lusitanos predispostos.

Já n'esse tempo, como hoje, havia scepticos, e viu-se então que não era do seu lado, como talvez hoje não seja, que a rasão vivia.

Portugal despertou. Depois, adormeceu de novo. Deixal-o agora sonhar!

Olhemos melancholimente para os que passam lá fóra enthusiasmados, ardentes, e não riamos d'esse esplendor de crenças, que na aridez do nosso coração estiolaram de ha muito, deixando aberto um vacuo onde a saudade se lançou e onde as crenças novas se asphixiam logo depois de germinarem.

Vós sois felizes, vós! Eternamente espoliados das regalias que disfructam os que aprenderam mais, eternamente corajosos na plena lucta da vida, que é para vós, bem mais que para os outros, custosa e ardua, vós sois felizes, talvez, porque ha na vossa alma um resto de candura que a nossa tem perdido, perdendo ao mesmo tempo a luz serena da fé que vos encanta ainda.

De que me serve a mim ter aprendido?

Para saber que a lua, a doce, a deliciosa lua, é um planeta apagado, que me illumina, mentindo, com um fulgor que lhe emprestam?

Para saber que sou um verme, uma creação imperfeitissima de um mundo anão, de um pobre mundo que dança em volta d'outro [illegible] e esquecem exactamente como os homens [illegible]

*

Fallando nas violetas, lembram-me agora os poetas. Lembra-me Antonio Fogaça, uma alma d'ouro, uma alma candida, que acaba de esconder-se para sempre no silencio frio da morte, deixando aqui, além do seu logar vasio, o vasio de muitas esperanças cujo aniquillamento importa, entre tantos, o aniquillamento de um coração de mãe.

Como a presença da morte deve ser horrivel, para um rapaz que encara ainda a existencia pelo prisma enganador das ambições, e que, junto de si, vê desfazer-se em lagrimas a mulher que desde o berço lhe sorri, a martyr que para elle viveu sempre e que por elle, quem sabe? vae morrer!

Que esmagadora deve ser a força indominavel que nos cerra as palpebras, e nos ennubla os olhos com que uma vez ainda nós pretendamos sorrir ao desgraçado ente que, em troca do que por nós soffreu, do que por nós se dedicou, nos pede apenas mais um instante de vida, um beijo mais, apenas!

E assim se morre. Assim, porque a fatalidade quer, vae n'uma campa desfolhar-se a flôr do Bem, a flôr do Amor, assim um filho adormece, respondendo ao calor da pobre mãe que o affaga, com um contacto que a gela, com um olhar que a mata!

*

Deixar chover! Estamos no inverno, e o inverno, coitado, tem o direito de expandir a feição que lhe é propria. Porque negar-lhe a faculdade de chorar, a elle que vem mandado por Deus para assistir á queda das boninas, e vê no espaço crescer a immensa nuvem da Magoa?

Deixar chover! Para os que teem confortos, não são extremamente incommodas as lagrimas do inverno; é-lhes até de uma exquisita sensação deliciosa sentir cahir lá fóra as longas bategas de agua. Para os que luctam com a miseria, para os que dormem nas enxergas, seja-lhes doce a idéa de que o frio mata, e de que a morte nivela. E os que soffrem, que somos todos talvez, agradeçâmos ao Ceo a parte que vem tomar nas nossas amarguras, e com as quaes raro se casam bem as alegrias da primavera. Deixar chover!

JOAQUIM LIMA.

PERFIS

ALDA

Foi em Maio. Anoutecera,
Quando ella saiu do lar,
Para depois ir ceiar
Com o homem que a perdera.
Foi em Maio. Anoutecera,
Quando ella saiu do lar.

Para esquecer o que fez,
Alda bebe avidamente.
Já nada vê... nada sente...
Chega emfim a embriaguez.
Para esquecer o que fez,
Alda bebe avidamente...

E, sem ter quem a sustenha,
Ella cae desfallecida.
E murmura, em voz sumida:
—Quero mais Champagne... venha!...—
E, sem ter quem a sustenha,
Ella cae desfallecida.

LUIZ DA SILVA.

D. Felix Nieto da Silva e as campanhas da Restauração

ha um, que tem sido citado por todos os escriptores que se teem occupado do livro, e que realmente é encantador. E' a historia da capitulação de Lumbrales. Eis como D. Felix Nieto conta essa historia.

Digâmos em primeiro logar que os Hespanhoes, cercados pelos Portuguezes de Pedro Jacques da Magalhães na villa de Lumbrales, tinham sido obrigados a refugiar-se na egreja. Tinham para lá entrado com tanta fome e principalmente com tanta sede, que a primeira coisa que fizeram foi despejar as pias da agua benta. Ora elles não tinham nem que beber nem que comer. Assim, passaram um dia e uma noite por tal forma bloqueados que os Portuguezes até tinham levantado barricadas nas ruas.

«Veiu a manhã, diz D. Felix, e sentimos grande alegria ao ver apparecer um grosso de infanteria de cerca de seis batalhões porque julgámos que vinham soccorrer-nos, e principiámos por conseguinte a preparar a nossa sortida. Mas não era o que pensavamos; essa gente era um reforço que vinha para o inimigo, de forma que nos achámos em situação ainda peior do que d'antes. Atormentava-nos a sede, a ponto que, tendo-se apagado por falta de azeite a lampada que arde diante do Santissimo Sacramento, o meu tenente approximou-se e bebeu a agua que lá estava dentro. Os soldados e eu não podiamos mais, e já o inimigo tocava a chamada. Assim ficámos até á noite N'esse momento, emquanto eu e outros capitães conversavamos com o general, veiu o tenente do conde de Fontana, que estava comnosco, e disse ao general:

«Tenha Vossa Senhoria cautella. Se não manda tocar o tambor para chamar o inimigo, fazem-n'o os soldados, que elles já não podem. Effectivamente era verdade, porque só para fallar era necessario fazer esforços extraordinarios. Vendo-nos portanto n'esse estado, e sem esperanças de sermos soccorridos, pareceu-nos a todos que não havia remedio senão responder á chamada do inimigo. Assim se fez e decidio-se que entrassem no nosso forte, por uma escada de mão, dois capitães do inimigo como refens, emquanto dois dos nossos iriam capitular.

Concluido isto, entraram Carlos de Torres e o filho de Pedro Jacques de Magalhães, e o general ordenou me que sahissemos eu e o barão d'Andelot. Quiz recusar-me a sahir, mas o general não consentiu. Sahi, por conseguinte contra minha vontade, e o dito barão commigo. Disse-me então o general que punha a sua honra nas minhas mãos, que devia pensar bem no que fizesse, e que a capitulação não se devia pôr por escripto, mas devia ser tratada de gentil-homem para gentil-homem. Entendo que discorreu bem.

Saimos, e, como o barão era borgonhez, e a fome e a sede eram grandes, disse-lhe eu:

«Cautela, sr. barão! Se os inimigos lhe offerecerem comida ou bebida, não acceite! Cuidado com o diabo.»

Prometteu comportar-se bem. Chegámos nós ambos sósinhos ao pé do inimigo. Vieram muitos officiaes ao nosso encontro, e eu, que estivera prisioneiro e me tinha muita vez batido contra elles, conheci muitos. Cumprimentámo-nos, depois o tenente-general da cavallaria approximou-se de mim e disse-me: «O sr. Pedro Jacques manda-me aqui para que me digam o que querem.» Pareceu-me que se eu não conferenciasse com o general em pessoa, não obteria tão boas condições. Respondi-lhe:

«O sr. Pedro Jacques sabe que fui eu que sai?

Disse elle:

—Sabe, sim, senhor.

E eu:

—Não pode ser, porque o tenho na conta de um gentil-homem muito cortez, e, se elle soubesse que fôra D. Felix da Silva quem saira, não me teria mandado esse recado. Assim lh'o digo, porque se eu não podér fallar a sua senhoria, não me restará senão voltar para o meu forte.

Foi-se embora com esta resposta, depois voltou dizendo-me que o sr. Pedro Jacques me pedia que lhe fosse fallar. Fui, e, depois de nos termos cumprimentado, perguntou-me o que era que eu queria. Disse-lhe:

Venho apenas saber o que vossa senhoria quer. O meu general, tendo ouvido o toque de chamada repetido que vossa senhoria mandou fazer, mandou-me saber o que era.

Pedro Jacques desatou a rir, e disse-me:

—O que eu quero é leval-os para Lisboa, que é uma cidade

—Rico, porque?

—Ah! sim, por força que tem muita riqueza. Os homens que estão fechados ali dentro, não sáem de lá senão feitos em pedaços. Ora parece-me que d'aqui até Lisboa os pilares das suas egrejas deviam ter um certo valor.

—Não tenha receio, respondeu elle, e, como póde vêr, já dei ordem para se dar o assalto.

Era verdade, porque tinham preparado um grande numero de escadas, atando as mais curtas ás outras, e a infantaria trabalhava n'isso com ardor.

Desatei a rir e disse-lhe:

—Não supponho que seja tolo, snr. Pedro Jacques, e seria tolice conceder-nos este favor.

—E porque não?

—Senhor Pedro Jacques, todos aqui somos soldados, e o que nos faz mal são os tiros dos seus mosqueteiros. O assalto ser-nos-hia muito agradavel, porque só assim é que os podemos maltratar, tendo as armas de que se precisa para isso, ao passo que para chegarmos ao sitio onde estão, não as temos. Se é da minha opinião, deixe-me ir embora e começar a operação. Verá o que resulta d'ahi

Conversámos assim por muito tempo, e com certeza, durante essa discussão toda, a Santissima Virgem me deu audacia e amparo, porque me sai bem. Afinal, disse-me:

—Então, que quer que faça?

—Saimos do forte e os seus entraram para lá, só com a condição de não tocarem na propriedade dos habitantes, e de nos deixarem ir cada um de nós para as suas terras.

—E assim, que vantagem temos nós?

—A gloria de nos fazer entregar o forte. Isso nada é?

Emfim, depois de muitos debates, ficou decidido que o general e todos nós, capitães de cavallaria, sairiamos com os nossos cavallos e as nossas armas, que os soldados entregariam os seus cavallos e as suas armas offensivas, mas conservariam as suas armas defensivas, que se não tocaria em nada do que os habitantes tinham comsigo na egreja, que poderiamos retirar-nos com toda a segurança para Sailices, e que elle voltaria no dia seguinte para Portugal.

Magalhães disse então:

—Escrevamos a capitulação.

Eu respondi:

—Esta capitulação trata-se de gentil-homem para gentil-homem.

—Bem! eu fallarei n'isso aos meus officiaes, e avisal-o-hei.

Foi-se embora, e eu fiquei conversando com os officiaes do meu conhecimento. O meu companheiro, barão d'Andelot, na sua qualidade de estrangeiro, não fallava bem, e talvez nem percebesse nada da nossa conferencia; de forma que concordou em tudo o que eu ajustara. Aqui, um incidente divertido. Tendo alguem offerecido ao barão um copo de vinho, elle, sedento como estava, estendeu a mão para o receber. N'esse momento olhei para elle, e logo se lembrou da advertencia que eu lhe fizera quando saimos. Conteve-se e não o tomou. Dois annos depois disse-me elle:

—Deus lhe perdôe esse copo de vinho que me impediu de tomar!

Pedro Jacques de Magalhães mandou-me dizer que todos concordavam em acceitar a capitulação, e que nos podiamos retirar. Partimos e tornámos a subir pela escada para o forte, emquanto os refens d'ali saiam. Dei conta da conferencia, e não se pode imaginar como o general e os outros se regosijaram, porque não esperavam similhante capitulação. Abrimos a porta e saimos do modo que se combinara. Quando o meu tenente saiu, achei-me ao lado de Pedro Jacques e disse-lhe:

—Aqui está o meu tenente. Espero que vossa senhoria lhe permitta sair com o seu cavallo, porque deve ser preferido aos outros.

E elle, com extrema amabilidade.

—Pois que saia.

Saiu portanto como os capitães, e até um meu pagem foi authorisado a conservar as suas armas offensivas.

«Em todo este caso que contei litteralmente como se passou porque é extraordinario, todos se poderam convencer de que não só a Virgem da Penha de França me livrou do perigo das balas mas tambem me tornou capaz de obter uma capitulação tão

Bemdita seja a Virgem da Penha de França e a sua misericordia.»

No proximo artigo commentaremos esta interessante narrativa, advertindo já os leitores de que traduzimos não do original hespanhol, que não temos á vista, mas da traducção franceza, evidentemente mal feita.

PINHEIRO CHAGAS.

O FILHO DO CONSPIRADOR

(Continuação do *Romance de um conspirador*)

Os olhos de Alvaro Rodrigues encontraram-se com os d'essa mulher que o acaso lhe deparára, e uns e outros denunciaram haver decifrado o motto mysterioso que as almas em flor andam procurando para inscreverem na bandeira verde d'esta eterna ála dos namorados, que se reproduz em gerações successivas atravez dos seculos.

Qual seja a palavra d'esse motto é um segredo da natureza. Mas os olhos, se a encontram, lêem-n'a n'um rapido volver, e entendem-n'a, e traduzem-n'a tão depressa como a lêram. E desde esse momento, que passa despercebido aos outros, já nenhuma das duas almas é livre, já nenhum dos dois corações é independente. Entenderam-se, e luctam em commum por defender a sua esperança, por fazer triumphar o seu motto mysterioso.

Alvaro Rodrigues sentiu-se intimamente agitado de uma commoção desconhecida. Pareceu-lhe que alguma coisa da alma d'aquella mulher tinha vindo completar a sua alma. Era como um aroma subtil, de lyrio rescendente, que se lhe insinuava no coração, perfumando-o e calmando-o. Pela primeira vez na sua vida sentiu um momento de serenidade ineffavel, o ecco interior de uma promessa inesperada de vagas delicias, que era como que o alvorecer longinquo da manhã sobre o fundo tenebroso do horisonte.

Quem lhe fizera essa promessa, cujo ecco resoava no intimo da sua alma? Foram os labios d'essa mulher? Não. Ella limitára-se apenas a fital-o com os olhos negros e bellos. Mas foram os olhos que fallaram, foram os olhos que prometteram. E elle, por essa secreta attracção que identifica as almas, entendera o que os olhos d'ella diziam.

Após a primeira impressão, tão funda como inopinada, sobreviera uma reflexão, que para Alvaro Rodrigues fôra dolorosa. Enganar-se-hia essa mulher, fixando n'elle o olhar? Tomal-o-hia por outra pessoa, procuraria evocar no seu espirito uma recordação, de alguem que tivesse visto uma vez, e que se parecesse com elle? Esta idéa, que de subito lhe acudira, desde logo o atormentou. Apesar de ter visto pela primeira vez aquella mulher havia instantes apenas, parecia-lhe que não poderia viver já deixando de a ver e... de a amar, porque era realmente amor o sentimento que ella lhe havia inspirado.

Quiz desenganar-se, se bem que a experiencia fosse para elle cruel, receioso de poder ter-se illudido.

A bella desconhecida e o grupo que a acompanhava conseguiram avançar alguns passos, não sem difficuldade; Alvaro Rodrigues parára, enleiado, sem saber o que fizesse, se retroceder, se proseguir.

Mas a bella desconhecida voltara-se a procural-o com os olhos, e esse olhar era um convite a seguil-a.

Foi o que Alvaro Rodrigues fez.

Novos olhares pareceram agradecer-lhe a resolução que tomára.

O bastardo de Fernão da Silveira não podia já duvidar da felicidade que tão inesperadamente lhe cahira do ceu ou d'aquelles olhos, que o mesmo era.

E attraido por essa imagem de mulher, que principiára a adorar, deixou-se ir enleiado no encalço d'ella, atravez da multidão, lentamente, pensando, sonhando, porque, no amor, tudo o que de mais delicioso se pensa pertence aos dominios do sonho...

Pela primeira vez na sua vida, em plena festa publica, deixou Alvaro Rodrigues de [illegible] passando de fugida por entre o povo, sentia uma vaga saudade da mãe, que era toda a sua familia, e da sua casa, para onde apressadamente recolhia, como a um asylo triste mas sereno, e onde se comprazia em viver longe da sociedade, que lhe aborrecia.

No alheiamento em que se encontrava agora, nada mais vira a principio do que a mulher que o fascinára.

Apenas, volvidos alguns minutos, fizera reparo nas pessoas que a acompanhavam.

Havia mais duas mulheres no grupo; e dois homens.

Das duas mulheres, uma, que parecia ter pouco mais de quarenta annos, seria provavelmente a mãe da sua bella desconhecida. A outra era uma creança que começava a desabrochar em mulher: por certo irmã mais nova, a julgar pela similhança das feições, d'aquella que continuaremos a chamar a sua bella desconhecida.

Dos dois homens, um devia ser o chefe da familia pela visivel auctoridade com que fallava ás tres mulheres. O outro era um moço de vinte e quatro a vinte e cinco annos, de physionomia um pouco melancolica; alto, magro e pallido

Este homem acabou por fazer impressão a Alvaro Rodrigues. Não pertencia decerto á familia, não se parecia, nem remotamente, com nenhuma das outras quatro pessoas. Seria talvez um namorado, desattendido mas insistente? Esta ideia amargurou o moço ourives. Talvez que a sua bella desconhecida, querendo desilludir mais uma vez o perseguidor fastidioso, tivesse apenas em mente, fixando Alvaro Rodrigues, dar mais um desengano ao outro. Mas ao mesmo tempo, os olhos d'ella parecia terem sido demasiadamente expressivos, especialmente mais expressivos, como promessa, para Alvaro Rodrigues, do que como desengano, para o outro.

O ourives, observando aquelle homem, notou que realmente elle, seguindo os olhares da bella desconhecida, tinha por mais de uma vez feito reparo na pessoa para quem ella olhava.

E n'esse momento principiou para o bastardo de Fernão da Silveira a tortura de uma duvida atroz, que o amor suggeria. Se aquelle homem poderia ser um rival, não menos perigoso por não ser o preferido? Foi assim que o moço ourives desde logo se presumiu angustiosamente collocado entre o amor d'aquella mulher e o ciume d'aquelle homem.

Sobre a qualidade social da sua bella desconhecida e das pessoas que a acompanhavam, não teve duvidas Alvaro Rodrigues. Certamente pertenciam, como elle, á classe dos mesteiraes. O trage indicava-o claramente.

O luxo, que D. João II havia tentado combater, estava n'esse tempo monopolisado nas familias patricias, nos tafues da côrte, que Fernão da Silveira, *o outro*, coudel-mór, mettia a ridiculo n'uma satyra do *Cancioneiro* quando ensinava as regras para vestir e pacejar com exito:

Sapatos de Basilea,
Pontilhas sob lo mole,
As calças tirem de folle,
Roseadas como obrea.
Tragam-se as de marear,
Forradas d'Irlanda parda,
Cá cousa é que vista alarda
Para gram bomborrear.

O povo, que trabalhava e contribuia para as enormes despezas do estado, não poderia pompear galanices, ainda que a ordenança lh'o permittisse.

Vivia laboriosa e frugalmente.

A situação economica do paiz era má.

D. Manuel locupletara de concessões liberrimas os fidalgos que o seu antecessor havia perseguido. A D. Jayme, filho mais velho do duque de Bragança, enriquecera colossalmente com novas mercês. Fôra a propria nobreza invejosa que reagira contra a bisarria dadivosa do rei.

Umas vezes a nobreza limitava-se a censurar, como a respeito das mercês concedidas á casa de Bragança; outras vezes chegara até á reacção energica, como acontecera em Portalegre, onde os principaes da terra protestáram, com bom exito, contra a prodigalidade das doações feitas a Diogo da Silva de Menezes.

O rei, por lisongear Fernando e Isabel, cujo filho mais velho, a viuva do principe D. Affonso, queria desposar, e desposou, expulsára do reino vinte mil [illegible] de judeus, para [illegible]

MODAS

ciaes de Portugal, especialmente em Lisboa, um vacuo enorme.

O pessoal da casa do rei era uma verdadeira esponja de dinheiro, tornando-se cada vez mais absorvente.

O povo estava sobrecarregado com o peso das tenças e sizas que pagava.

Contra as sizas representáram no seguinte anno de 1498 as côrtes reunidas em Lisboa. Mas D. Manuel indeferiu á representação, e o povo continuou a pagar as sizas.

Os fidalgos que não estavam nas boas graças d'El-Rei, arrastavam uma vida miseranda de ostentação caloteira, não pagando aos officiaes mecanicos que trabalhavam para elles, nem aos escravos que os serviam.

A farça dos *Almocreves*, de Gil Vicente, é um quadro authentico da epocha. O fidalgo pobre ouve da bocca do capellão, a quem não tem dinheiro para pagar, verdades amargas:

Se vossas mercês não hão
Cordel para tantos nós,
Vivei vós áquem de vós,
Pois que não tendes piós.

Mas os fidalgos, dominados pela febre da ostentação, continuavam a comprar gavião sem ter piós, e a gente de officio, os mecanicos, luctava com graves difficuldades para amanhar a sua vida com apertada decencia.

Reconhecida facilmente a condição das pessoas que ia seguindo, restava a Alvaro Rodrigues saber quem fossem, e onde moravam.

Seguindo lentamente após ellas, porque a multidão continuava difficultando o transito, viu as encaminhar á rua dos Ourives do Ouro, atravessar para a rua das Manilhas pelo beco da Bocca Negra, e entrar n'um predio do largo do Painel do Anjo.

A sua bella desconhecida assomou á janella como para o certificar de que era ali que morava.

E Alvaro Rodrigues, subitamente transformado, desconhecendo-se a si proprio, correu para casa a contar á mãe a estranha aventura d'aquelle dia.

Izabel Rodrigues ouviu-o com uma grande attenção affectuosa, acabando por dizer-lhe:

— Ahi está o que te faltava, filho!

Mas os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas.

Era que n'esse dia tinham-lhe roubado o coração do seu Alvaro.

(Continúa).

ALBERTO PIMENTEL.

MORRER COM HONRA

Helena fôra sempre educada por seus paes com o maior esmero. Tinha uma alma pura, tão pura como a belleza angelica do seu rosto.

Um dia, o velho pae morreu-lhe, e ella ficou sendo o unico amparo da mãe desolada e triste, a quem sustentava com o magro producto do seu trabalho de costureira.

Tinha então dezeseis annos. Trabalhava dia e noite.

A pobre mãe adoecera gravemente, tornando assim mais difficil a penosa situação em que ambas se encontravam. De resto, os ganhos de Helena diminuiam cada vez mais. As machinas de costura dão um largo expediente aos pespontos, e ella não tinha dinheiro para adquirir uma.

A doença da mãe aggravara-se a olhos vistos, e a miseria parecia regozijar-se com as suas pobres victimas. Era indispensavel comprar remedios; tornava-se urgente chamar um medico, e não havia recurso algum em casa.

Os gemidos da enferma faziam germinar no espirito de Helena pensamentos horrorosos. Não havia já nada que empenhar, nada.

Subito, a misera costureira pôs nos hombros um velho

*

N'uma rua proxima havia uma mulher esqualida e sordida, que negociava em roupas e cousas velhas, e a quem Helena tinha já vendido varios objectos modestissimos. Dirigiu-se para ali.

Era ao pôr do sol, n'um dia quente de julho. Havia grande movimento nas ruas.

Na passagem, rapazes estroinas e velhos lascivos, dirigiam galanteios á desventurada rapariga, que seguia o seu caminho, d'olhos pregados no chão, sem ver e sem ouvir.

Quando chegou á porta da loja da adela, não podia comsigo, de cançada. No entanto, cobrou animo, e tirando, com um movimento convulsivo, o chale dos hombros, entregou-o á mulher, que lhe respondeu simplesmente:

—Escusas de te desfazer d'elle, minha filha; não tem valor. Leva isso, leva...

E dizendo isto, acariciava com a mão descarnada e ossuda um magro gato preto, seu companheiro inseparavel, que fazia corcovos sob a pressão dos dedos esqueleticos da dona.

Helena, vendo que nada podia esperar, que nenhuma esperança lhe restava já, assentou-se indolentemente, no chão, junto da velha, occultando nas mãos o rosto macerado pelo soffrimento

Entretanto, a adela, tendo afastado de si o gato, contemplava curiosamente a bella cabeça loira da rapariga. Aquelles cabellos fartos e sedosos eram o unico adorno, o unico thesouro de Helena.

A megera, cofiando-os, sentiu-se inspirada d'uma idéa feliz.

—Vendes-me tu os teus cabellos?

Helena, que estava como que hypnotisada, não comprehendeu bem. Ouvindo aquella pergunta, feita assim de chofre, pareceu-lhe que sonhava. Tentou despertar, mas não o conseguia. Se a realidade é tão triste!

A adela, com o imperturbavel sangue-frio dos egoistas e dos cynicos, colheu as tranças de Helena soffregamente, e pôz-se a examinar-lhe as dimensões.

Os formosos cabellos da rapariga, enlaçados á sua pelle rugosa e amarellenta, tomaram um colorido phantastico.

—Queres vender-m'os? tornou ella. Teem mais de meio metro de comprido... Dou-te tres corôas...

Helena, sacudindo a sua juba côr de oiro, abriu então os olhos humedecidos pelas lagrimas, e sorriu tristemente. Por tres corôas ir sacrificar o seu unico adorno!...

A velha debruçou-se sobre uma enorme cesta cheia de trapagens velhas, onde dormia o gato. Lá no fundo, havia uma thesoura. E emquanto a procurava, ia dizendo comsigo mesma:—«A fome te obrigará a vender-m'os, deixa estar!»

E assim foi. A pobre Helena rendeu-se.

Empunhando a thesoura, a velha começou a sua barbara tarefa. Era de ver a ancia com que ella cortava os cabellos formosissimos da pobre rapariga. Parecia possessa!

A thesoura gemia, gemia sempre, e os fios de oiro caiam no regaço da furia, que exultava de contente, emquanto a pobre victima chorava a bom chorar.

Passada meia hora, estava consumado o sacrificio; o ferro infame arrancára da cabeça de Helena aquelle manto precioso, que podia ser invejado pelas elegantes felizes do grande mundo.

Envolvido o precioso despojo n'um velho e sujo *Diario de Noticias*, a velha deixou cair quinze tostões em prata nas mãos de Helena, que saiu toda tremula, quasi a correr.

Com o adorno, a rapariga tinha perdido o calôr tambem. Fôra-se o seu precioso manto de inverno, que a aquecia. No caminho, antes de comprar pão e remedios para a mãe, Helena comprou um lenço para esconder a cabeça transfigurada.

Seis dias, longos como seculos, durou o seu martyrologio.

A mãe, não poude resistir á terrivel tysica que a minava e morreu. Helena tinha perdido toda a sua alegria, todo o seu orgulho, todo o consolo das suas afflições e da sua desventura. Nada lhe restava já. Quando a fome volvia, rapida e silenciosa, mais exigente do que nunca, acompanhada da miseria, encontrava-a sem coragem para esmolar, sem lagrimas para verter.

Um dia, as visinhas fôram encontrar a desventurada morta a um canto da casa, sobre uma enxerga rota e miseravel, onde a mãe expirára pouco antes.

Introduccion

And.te

Valse

pp. ben sostenuto

ff

leggieramente

1a 2a

ff

ff

pp

ff

p

ff

più lento

ff

ff

Seer Phot.

VALSA DOS SENHORES DE CORNEVILLE

COMEÇO D'UM REINADO

II

O primeiro ministerio de D. Maria II organisou-se como vimos (*Illustração Portugueza*, 4.º anno, n.º 51,) no proprio dia em que falleceu o duque de Bragança, por isso esta noticia quasi que eclypsou aquella. Apóz a sua nomeação veio o encerro da rainha, o luto nacional e a suspensão das sessões parlamentares, de fórma que o ministerio só se apresentou ás camaras no dia 3 de outubro.

A triste nova de que o duque de Bragança tinha fallecido, espalhou-se vertiginosamente em toda a Lisboa, e o sentimento doloroso que produziu foi geral e expontaneo.

No dia 25 de setembro e perante o seu cadaver, foi aberto e lido o testamento do duque de Bragança, testamento que elle havia ditado no dia 15 ao seu camarista, marquez de Resende, e em que determinava que o seu enterro fosse o de um simples general. O sahimento, que teve logar no dia 27, foi um dos mais imponentes que Lisboa até então vira; ás portas de S. Sebastião da Pedreira, esperavam-o mais de mil pessoas com tochas accesas, que acompanharam o funebre cortejo até S. Vicente de Fóra, onde chegou já noite. Aqui foi o caixão levado pelos marchaes do exercito, duque da Terceira e marquez de Saldanha, pelo conde do Cabo de S. Vicente, Napier, major general da armada, pelo tenente-general barão de Villa Nova de Gaya, pelos marchaes de campo Francisco de Paula de Azevedo, marquez de Santa Iria, e José Maria de Moura, e pelos brigadeiros conde de Lumiares, barão do Pico de Celeiro, José Lucio Tavares Valdez, e José Baptista Lopes.

A entrega do corpo, fel-a ao cardeal patriarcha, capellão-mór da casa real, o camarista de serviço, Paulo Martins de Almeida.

Como dissemos, o novo ministerio apresentou-se ao parlamento no dia 3 de outubro, e n'esse mesmo dia a opposição rompeu o fogo em toda a linha. Accusações sobre accusações fôram logo dirigidas aos ministros, mas de todas a mais importante e que mais prendeu a attenção geral foi a da nomeação do duque de Palmella para presidente do conselho, sem pasta. A maioria da commissão de infracções da camara electiva apresentou um parecer assignado por Francisco Antonio de Campos, Julio Gomes da Silva Sanches, Manuel da Silva Passos e Leonel Tavares Cabral, em que sustentavam que a nomeação do presidente de conselho era uma violação da Carta e por isso propunham a accusação do ministro que tinha refrendado o decreto e que não se reconhecesse a auctoridade do ministro presidente. Este parecer, depois de apreciado por uma commissão especial para isso nomeada, entrou em discussão no dia 31 de outubro. Foi violentissima esta discussão; as galerias intervieram por vezes e afinal o governo triumphou, mas apenas por onze votos de maioria.

Além de diminuir o effeito que podia produzir aquella proposta, o duque de Palmella apresentou no mesmo dia um projecto de responsabilidade ministerial, mas escusado é dizer que nunca teve seguimento. Fraquissima era a maioria da camara electiva; a opposição, além de numerosa, era aguerrida e bastante illustrada; mas não obstante isto, e os ataques constantes da imprensa, a cuja frente estava o *Nacional*, o governo manteve-se intemerato no poder.

Uma das leis votadas pelas camaras, quando ainda vivo D. Pedro, foi a de permittir que a rainha podesse casar com um principe estrangeiro, e que a escolha do noivo fosse a aprazimento de seu pae. Não era segredo para ninguem, que o noivo escolhido era o principe Augusto Carlos Eugenio Napoleão, duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz, filho de Eugenio de Beauharnais, e, portanto, irmão da segunda esposa de D. Pedro. O titulo de duque de Santa Cruz fôra-lhe dado por este principe, quando acompanhou a imperatriz Amelia á côrte do Rio de Janeiro, em 1829, e quasi se póde dizer que data d'essa epoca a escolha que d'elle se fez para futuro esposo da rainha.

D'isto porém se guardou o maior segredo, até que, estando para sair de França, com destino a Portugal, a imperatriz D. Amelia, com sua gentil enteada, a rainha D. Maria II, em setembro de 1833, lhe escreveu, pedindo-lhe em nome de D. Pedro havia pensado, segundo parece, em casar seu filho, o duque de Nemours, com a joven rainha, não poude ou não quiz occultar o seu despeito, por isso ordenou que o duque de Leuctenberg saisse immediatamente do territorio francez. O duque, por isto ou por outros motivos, não se mostrou por então favoravel ao projecto de casamento, allegando, como desculpa, a pouca edade da rainha e a declaração expressa na Carta constitucional, d'ella não poder desposar um principe estrangeiro.

D. Pedro escreveu depois directamente ao principe uma ou duas cartas sobre o assumpto, mas não obteve tambem da parte d'elle uma acquiescencia prompta, como esperava e era para desejar. (Officio de Ildefonso Leopoldo Bayard, para o conde de Villa Real, datado de Munich em 26 de outubro de 1834).

Apesar das evasivas do principe, D. Pedro deu o negocio de casamento como assente, e no dia seguinte áquelle em que as camaras auctorisaram o consorcio da rainha com principe estrangeiro (14 de setembro de 1834), nomeava D. Maria II o official maior da secretaria d'estado dos negocios estrangeiros, Ildefonso Leopoldo Bayard, seu procurador bastante, com o caracter de seu ministro commissario, para ir a Munich ajustar e assegurar o tractado matrimonial do seu consorcio com o principe Augusto.

A morte de D. Pedro em nada alterou as disposições tomadas com relação ao projectado casamento, outorgando a rainha por isso novos poderes áquelle funccionario, em 29 de setembro. Ildefonso Bayard, recebeu do ministro dos negocios estrangeiros, o conde de Villa Real, instrucções pelas quaes se devia guiar não só para levar o principe a acceitar definitivamente a proposta de casamento, como tambem as bases em que devia assentar o tractado matrimonial. Como ajuda de custo, recebeu a quantia de 400$000 réis e uma carta de credito de 12:000 cruzados sobre a casa de Ramon y Carbonel, para occorrer ás despezas eventuaes da commissão de que ia encarregado. D'esta ultima quantia não gastou nem um real. Bayard chegou a Munich, no dia 24 de outubro. A convenção matrimonial foi assignada em 8 de novembro, depois de vencidas bastantes difficuldades, pois a principio elle mostrava-se pouco resolvido a desposar a rainha, e impunha taes condições para a sua acceitação, que a encetada negociação tinha necessariamente de ser interrompida, pois eram inaceitaveis por parte do governo portuguez, por contrarias ás leis do paiz, como era o ser chamado a assistir á discussão dos negocios na presença da rainha, tendo assim logar e voto no Conselho d'Estado e no Conselho de Ministros.

A convenção matrimonial assignada em Munich em 8 de novembro, como dissemos, foi em 29 do mesmo mez apresentada ao parlamento em Lisboa. No dia 1 de dezembro celebrou-se na Sé Patriarchal o consorcio da rainha D. Maria II com o principe Augusto, que foi representado pelo duque da Terceira. As camaras votaram a somma de cem contos de réis para o enxoval da rainha, e de 50:000$000 réis annuaes de dotação para seu esposo.

Afim de acompanhar o principe Augusto, fôram mandados a Munich o marquez de Ficalho e visconde de Sá da Bandeira, antigos ajudantes d'ordens do duque de Bragança. Para custearem as despezas da viagem, recebeu cada um a quantia de 2:000$000 réis, mas allegando depois ambos que haviam gasto mais a quantia de 2:000$000 réis, foi lhe esta tambem abonada.

O principe Augusto, que havia embarcado em Inglaterra no vapor de guerra *Royal William*, entrou no Tejo a bordo do mesmo navio, pelas 7 horas da manhã do dia 25 de janeiro de 1835. Foi logo cumprimental-o sua irmã, a imperatriz Amelia, que o acompanhou ao paço das Necessidades, onde o principe foi cumprimentar a rainha, sua noiva. N'essa noite voltou para bordo do vapor, mas não sem já deixar generosa lembrança da sua chegada.

N'uma carta que dirigiu ao duque da Terceira, ministro da guerra, depois de lhe participar que a rainha o havia promovido a marechal do exercito e commandante honorario do batalhão de caçadores 5, communica-lhe ter resolvido dar annualmente, durante a sua vida, ao exercito portuguez, a quantia de 3:000$000 réis, para serem distribuidos, em pensões eguaes, por a seguinte fórma: um conto de réis ás viuvas dos primeiros doze officiaes inferiores e soldados que morreram nos combates dos Açores; um conto de réis ás viuvas dos primeiros doze offi-

Segundo uma nota publicada no *Nacional*, n.º 69, de 29 de janeiro de 1835, o numero das viuvas que estavam nas condições de receber a pensão, era de 36, cabendo a cada uma 835333 réis annuaes, ou 231 réis diarios.

O casamento, ou antes a sua ractificação, teve logar na Sé patriarchal, no dia 26 de janeiro, pouco depois do meio dia.

A rainha, acompanhada pela imperatriz Amelia, infanta D. Izabel Maria, e toda a côrte, saiu das Necessidades e dirigiu-se ao Terreiro do Paço, onde a aguardava o principe Augusto. D'ali seguiu o cortejo para a Sé, onde teve logar a ceremonia religiosa. No dia seguinte a rainha deu beijamão no paço, e á noite foi ao theatro de S. Carlos, acompanhada por seu esposo e pela infanta D. Izabel Maria.

As festas do casamento, que na verdade não fôram grandes, não fizeram em nada afrouxar os ataques da opposição contra o ministerio Palmella, tanto no parlamento como na imprensa. Ali, o governo contava apenas uns oito ou dez votos de maioria, e aqui tinha por defensores dos seus actos, além do *Diario do Governo*, que então e como durante alguns annos ainda succedeu—além da parte official propriamente dita continha a doutrinaria, a *Revista* de que eram redactores Rodrigo da Fonseca Magalhães e Antonio Pereira dos Reis, o *Universal* e o *Tempo*. A' frente da opposição, na camara dos deputados, estavam Saldanha, que não havia querido tomar assento na camara alta, para que fôra nomeado em 1 de setembro de 1834, Passos Manuel, Leonel Tavares, Vieira de Castro, Julio Gomes e outros: na imprensa era seu orgão principal *O Nacional*, que começou a publicar-se em 3 de novembro de 1834 e de que era proprietario Vicente Gonçalves Rio Tinto, de quem Teixeira de Vasconcellos escreveu: «de homem pobre que era, chegou a ser commendador, director de companhias, rico e barão.»

O governo, em vez de procurar defender-se, limitava-se a accusar a opposição de impedir a sua marcha no bem que elle desejava fazer ao paiz, ou de obstruccionista, como hoje se diria. Como resposta a isto, na sessão de 23 de janeiro, o deputado da esquerda, José Liberato Freire de Carvalho, declarou em nome de todos os deputados d'aquelle lado da camara, «que uma vez que o governo se queixava da opposição por impedil-o de tomar medidas salvadoras para o paiz, não queria ella prival-o de tanto bem, nem tomar sobre si tamanha responsabilidade. E n'este caso estava resolvida a sair toda da camara e a renunciar o seu mandato.»

Em seguida, apresentou uma proposta para que a camara mandasse uma mensagem á rainha pedindo a sua dissolução e a immediata convocação de uma novamente eleita. Este requerimento era assignado por trinta e tres deputados, sendo a primeira assignatura a do marquez de Saldanha.

Dos deputados da opposição não assignaram aquelle documento o visconde de Fonte Arcada, Francisco Luiz de Seabra, João Gualberto Pina Cabral, José Fortunato Ferreira de Castro, Carlos Augusto de Sampaio e Antonio da Fonseca Mimoso Guerra. A proposta foi mandada a uma commissão especial, que deu parecer contra, parecer que, depois de discutido durante algumas sessões, foi approvado na de 4 de março, por cincoenta e nove votos contra trinta.

MARQUES GOMES.

AS NOSSAS GRAVURAS

A BOLSA DO HAVRE

Este edificio está construido ao centro da cidade, entre as magnificas praças do commercio e da sub prefeitura.

O perimetro fórma um quadrilatero de uma superficie de 4:000 metros.

As casas publicas comprehendem a sala da Bolsa, com galeria da superficie de 800 metros, e dois grandes porticos que precedem a sala ao norte e ao sul, de 456 metros cada uma.

A Bolsa do Havre, a exemplo das bolsas estrangeiras, reune as camaras syndicas dos corretores maritimos, dos agentes de cambio e dos corretores de mercadorias, o salão de leitura, a principal no centro, formando os porticos.

As duas fachadas são ligadas por construcções lateraes, para não formar um só conjuncto, de que a sala da Bolsa constitue a parte central.

Quatro pavilhões occupam os angulos.

As despezas da construcção fôram orçadas em 2.244:000 francos.

MODAS

Chamamos a attenção das nossas leitoras para o esplendido chapéo, genuinamente parisiense, de que lhe damos o modelo em o nosso jornal.

Este bonito chapéo, do ultimo tom, um d'aquelles que as parisienses do *v'lan* consagraram com as suas preferencias, é de velludo côr de peito de rôla; guarnece-o uma tira de ponto russo, salpicado de contas *clair de lune*.

A aba, levantada na frente, é enfeitada por dentro com um molho de renda, formando uma flôr. Um soberbo molho de plumas abestruz de duas *nuances* alvadias, infeita o alto do chapéo.

O CONDE DA SILVA MONTEIRO

Pertence já ao numero dos mortos illustres, este, que em vida fôra illustre pela honradez e pelo trabalho.

O conde da Silva Monteiro nasceu no Porto, e foi, muito novo ainda, procurar fortuna ao Brazil. A' custa de laborioso afan, alcançou-a, mas não a quiz só para si: espalhou-a desde logo por todos quantos procuravam o seu amparo.

Regressando ao Porto, vimol-o á frente de tudo quanto podesse contribuir ao engrandecimento d'aquella cidade, e ao melhoramento do seu paiz.

Era crença geral, arreigada por constantes provas de dedicação patriotica, que no conde da Silva Monteiro tinha Portugal um dos seus mais prestimosos filhos. E tinha, com effeito.

Por isso a sua morte foi geralmente sentida, e o seu nome honrado se não apagou ainda da memoria dos vivos.

*

O conde da Silva Monteiro era indifferente a todas as distincções honorificas. Só a vivas instancias d'el-rei, que muito o distinguia, acceitou o titulo de conde, que representava o reconhecimento da patria ao merito, aos serviços e á dedicação d'um cidadão prestantissimo.

Sua magestade a rainha dignou-se chamal-o para a commissão gerente do fundo da subscripção para os inundados; e nas suas visitas á cidade do Porto, agradecendo-lhe todas as numerosas demonstrações de respeitosa consideração pelos augustos chefes da monarchia, suas magestades manifestaram ao conde da Silva Monteiro quanto o apreciavam.

*

O conde da Silva Monteiro foi presidente da associação commercial do Porto. Tambem ali exerceu o cargo de presidente da municipalidade, promovendo na sua terra natal grande numero de melhoramentos importantes.

Morreu aos 60 annos, ainda forte e vigoroso.

O SINO DE MOSCOW

Na Europa ha um grande numero de sinos notaveis, de que limitado numero de pessoas teem conhecimento, por desconhecerem a historia dos sinos.

De todos elles o maior, o mais pesado e por consequencia o mais celebre, é o sino de Moscow, denominado o rei dos sinos, que a nossa gravura de hoje representa.

Este sino foi mandado fundir em 1733, pela imperatriz Anna Ivanowa, para substituir o que o czar Alexo Mikaïlovitch havia mandado fazer e que fôra destruido no incendio do Kremlin, em 1701.

Nunca se chegou a construir torre que o podesse [illegible]

O CONDE DA SILVA MONTEIRO

e o pedaço que se vê separado partiu-se n'um incendio. Só em 1830 o architecto francez, Montferrand, conseguiu collocal-o sobre um pedestal octogno, de granito, junto da torre Ivan Veliki.

Este monumento de 11 metros de altura, é uma das curiosidades do Kremlim.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS

Pedro Gil, um avarento,
Que dá *luyo*... a seis por cento,
—Mas ao mez, hão de notar!—
Como na casa onde estava
Miseros não apanhava,
D'ella se qu'ria mudar.

Ao seu moço, um galleguinho
Que o servia... baratinho,
Disse em tempo competente:
—Como *tenho* que fazer, 1
Se me arranjas, tu vaes ver
Casa barata e decente.

Depois de visitas mil,
Volta o moço e diz ao Gil:
Pronto, ás ordes du senhor; 1
Na Rua das Atafonas
Baia qui bêm fadistonas
Casas têm ó seu dispor.

Santa Quiteria de Méca!
Virgem e santa Hipotheca!...
Valham-me ó santas madonas:
Pois este bruto, este alvar
Não quer que eu vá habitar
Na rua das *ata fonas?*

MATHEUS JUNIOR.

Carmem, Pepa e Dolores,
As formosas hespanholas,
Quando dançam uma *bolero*
Agitando as castanholas.

Parecem 'strellas fulgentes
D'alguma constellação;
E quem lhe vê os requebros,
Lá lhe deixa o coração.—2

Roubam a graça ás camenas,
E ás flores os perfumes;
Os seus olhos côr da noite
Scintillam quaes vagalumes—1

E' tão suave o fulgor
D'aquelles olhos traidores,
Que se prostram adorando-os
Silphos, Nimphas e Amores!

Segue as celeste clarão,
Reverbero matutino,
Os suspiros dos poetas,
Ou um raio d'amor divino—2

E ao ouvir o grato *nome*
Das formosas hespanholas,
Suspiram logo as guitarras
E agitam-se as castanholas.

Faro. M. CAROLINA CRISPIN.

(Ao distincto charadista Americo Victor Vilhalva)

Bella fruta brazileira,
Na primeira da charada;—2
Na segunda, certo undicola,
Sendo a prima despresada—2

E' planta brazileira,
[illegible]

(A Domingos J. Navarro.)

Eu tenho,
Tu tens, } 2
Elle tem.

O conceito, amigo,
E' ilha da Escocia;
Se deres com ella,
Apanhas um figo.

Evora. AMERICO V. VILHALVA.

Decifrações

DA CHARADA:—Soberano.
DOS ENIGMAS:—Ajaa—Aramaca.
DOS LOGOGRIPHOS:—Matinadas—Kakulikuange—Vagalume.

O enigma posto a premio, do nosso distincto collaborador, o sr. Americo Vilhalva, saiu sem a designação de enigma, mas da sua leitura deprehendia-se logo que o era.

*

De novo pedimos ao author do enigma publicado no numero 11, a fineza de nos enviar a sua decifração.

A RIR

O sr. X... volta á casa de jantar, depois de ter d'ali saido momentos antes, e encontra o criado saboreando um copo de velho Porto.

X... fica estupefacto.

O criado sem se desconcertar:

—Creio que v. ex.ª não será indifferente á delicadeza que tive em não me servir do copo da senhora!

*

—Cocheiro, o caminho mais proximo não é por ahi; é pela rua Formosa.

—Não se póde passar por lá. Está impedida.

—Não está tal. Ainda ha pouco por lá passei.

—Se não está para v. ex.ª, está para mim. Tenho ali um credor.

UM CONSELHO POR SEMANA

Apesar de estarmos em pleno inverno, não julgamos superfluo dar o seguinte conselho:

Evite-se o apanhar o sol por muito tempo, pois que uma longa exposição a elle pode causar graves accidentes. Quando alguem estiver muito incommodado por ter apanhado sol em demasia, convêm dar-lhe um banho de pés tão quente quanto elle o possa supportar, e durante vinte minutos, conservando sempre a agua á mesma temperatura. Lavagens irritantes, como as de agua salgada, ou avinagrada, são muito uteis; e sobre a parte que o sol atacou com mais força, colloquem-se compressas imbebidas de agua acidulada.

O doente deverá beber limonadas com frequencia.

UMA SOMMA

O abbade é muito respeitado por toda a gente do logar. Quando passa á noitinha, ás ave-marias, pelo caminho que vae da egreja á sua casa, os trabalhadores que se recolhem aos ranchos, conversando e cantarolando [illegible] e calam-se, descobrindo-se com humildade, para lhe darem as [illegible]

Santa Comba Dão. ANTONIO D. S. FRANCO.

roubo, nem se abre uma navalha para epilogar qualquer desordem. De noite, as portas apenas se encostam, e os porcos e as gallinhas giram pelo caminho, sem que os donos receiem que alguem lh'os furte. Tudo isto, diz-se ser obra do abbade, que aos domingos, quando á hora da missa vê reunidos na egreja todos os seus freguezes, concluido o sacrificio, lhes faz pequenas praticas, narrando o que os periodicos trazidos pelo correio, no sabbado, noticiavam com espalhafato, e que são as facadas dadas nas tabernas e nos becos de Lisboa e Porto, as graves desordens em que a policia intervêm, prendendo os culpados, e remettendo-os para a justiça. Elles ouvem aquillo, lamentam a sorte dos desgraçados que ou fôram condemnados a ficar por muito tempo no Limoeiro, ou fôram parar á Africa, a cumprir a sentença do degredo, deixando muitos as familias sem amparo, sem auxilio na vida; lembram-se então de si, da sua felicidade, da mulher e dos filhos, e tratam de se esquecer dos inimigos, das suas velhas rixas.

Da vida intima do abbade ninguem murmura. Nunca a bocca d'uma visinha se abriu, para dizer a outra visinha qualquer cousa que lhe fosse desagradavel. Todos sabem que lá em casa vivem duas raparigas muito lindas, com olhos muito bonitos e seios muito amplos, que parecem querer estoirar na fazenda frouxa dos corpinhos, quando ellas saem á rua, juntas, sempre juntas, mas ninguem duvida de que sejam duas creadas, e mais nada, que lhe fazem todo o serviço; e de resto, se alguem duvida, não o diz...

*

O capitão, viera de Castello Branco n'esse dia, para visitar o abbade. Eram velhos amigos, que se conheciam desde o tempo em que ambos estudavam theologia para se fazerem padres: o abbade por vocação propria, o capitão obedecendo á vontade d'um tio a quem ficára entregue a sua educação logo depois da morte do pae. Um dia, morreu-lhe o tio tambem, deixando-lhe algumas rendas; elle largou immediatamente a sciencia da Egreja e sentára praça n'um regimento de cavallaria.

Não se viam ha quatro annos, a ultima vez que o abbade o visitára em Castello Branco. Agora, vinha o capitão pagar-lhe a visita. Demorava-se alguns dias; uma, duas semanas talvez... que a vida do campo dava-lhe vigor, com as suas bellas manhãs azues, de julho, frescas e saudaveis, manhãs em que a gente, logo ao accordar, sentindo fóra os pardaes a fazerem chiada nas arvores do jardim, tem uma subita vontade de se levantar e sair a assoalhar-se com prazer. Que esplendido sol!

Quando o capitão subia estrepitosamente a escada, tilintando as esporas nas suas grossas botas, o abbade veio á porta, impellido pela curiosidade do barulho. Iam rolando ambos pelos degraus, quando se apertavam n'um franco abraço; depois, entraram para uma pequena sala cuja porta se lhes abriu na frente, movida por mão invisivel. N'essa sala tinha o abbade o seu escriptorio e o seu oratorio. Havia, entre duas janellas, uma boa mesa de madeira antiga, de grossos pés torneados, e sobre ella dois livros forrados de panno verde, ao lado d'um tinteiro de metal, pesado e sujo,—um, que servia para o registro das almas que se alistavam nas fileiras de Christo, pelo baptismo, outro, onde se registravam as almas que se iam, e que a Egreja acompanhava á sepultura. A um canto, um velho relogio collocado no alto d'uma caixa, balouçava irregularmente o pendulo, e, espalhados pelas paredes, viam-se alguns quadros a oleo, imagens de virgens e physionomias de martyres, cobertos de pó. Algumas enormes cadeiras, com assentos de couro e pregaduras amarellas, completavam a mobilia. Sobre uma mesinha, entre jornaes e brochuras religiosas, da bocca d'uma jarra, pendia um girasol.

Sentados ao lado um do outro, fallavam alegremente do passado. Meia hora depois do abbade se levantar, para dizer para dentro que arranjassem almoço para dois, bateram discretamente na porta, e uma voz fresca e nova avisou-os de que o almoço estava na mesa.

Desceram então para a casa de jantar, que ficava ao rez-do-chão, deitando para o jardim. Pelas janellas, algumas trepadeiras espalhavam a verdura das folhas. Sobre a mesa, na alvura do linho da toalha, dois talheres esperavam-os. Ao meio, n'uma tr[illegible]

Conversavam comendo. Quando do pato só restavam alguns os[illegible]

O capitão, depois de a olhar d'alto a baixo, perguntou ao abbade, a meia voz:—«Onde arranjaste tu esta cantharida?» O abbade sorriu-se e notando que faltava alguma coisa, gritou de novo para dentro: «Adelia, traz-nos pão». O capitão, cuvindo o nome de uma outra mulher, teve um gesto admirativo. E essa segunda mulher não tardou a apparecer, com alguns quartos de pão n'uma bandeja.

Era uma rapariga loura, d'olhos azues e faces desbotadas; tinha o corpo tão cheio como o da outra, mais cheio talvez, um quasi nada. Olhando o abbade e o militar, sorriu gaiatamente.

O capitão ficou um momento silencioso, com o olhar cravado na porta por onde a rapariga sahira. Depois, voltando-se para o abbade que se ria: «Mas estás tornado um sultão! a tua cosinha é um serralho!»

E o ministro de Christo, deixando correr café na chavena, perguntou-lhe: «Não sabes que é permittido a todo o abbade ter uma ama que o acaricie?»

—Mas, que diabo! uma ama de cincoenta annos, não é um par de raparigas como as que tu cá tens!»

O abbade então, maliciosamente, velhacamente, explicou-lhe: «Cada uma d'ellas tem vinte e cinco annos. Vinte e cinco! Somma a edade das duas, e terás em resultado os cincoenta exigidos...»

ALFREDO MESQUITA

Edmond e Jules de Goncourt

O talento é coisa que difficilmente se perdôa.

Mas quando um homem junta á infelicidade de ter talento a infeliz convicção de que o tem, será melhor amarrar ao pescoço uma pedra de moinho e atirar-se ao mar. E' por isto que Baudelaire dizia: «Se fosse permittido ás nações disporem dos homens de talento, ellas mandal-os-hiam enforcar.» Este parodoxo encerra uma parte terrivelmente verdadeira. Sómente o que é preciso observar, é que as nações não apertam o pescoço do homem n'uma corda, nem o penduram publicamente. Isso seria piedade demasida e soffrer passageiro.

Na sua infinita maldade, não lhes enforcam o pescoço, enforcam-lhes o talento! Succede porém que o talento dos homens de talento é—felizmente—algumas vezes mais forte do que os cretinos que formam a maioria das nações; de maneira que, em vez de elles o enforcarem, elle é que acaba por os estrangular.

*

Este caso deu se com os irmãos Goncourt, dos quaes o mais velho, Edmond, ha muito me está provocando escrever sobre elle algumas linhas.

O ultimo dos Goncourt nasceu em 1822; tem, portanto, hoje 66 annos. O irmão Jules, nasceu em 1830.

O primeiro livro que assignaram publicou-se na vespera do golpe de estado, em 1851. Desde então começou para elles a inseparavel vida litteraria, que só devia terminar para um em 1870, anno da morte de Jules. E' depois da morte de Jules que o caracter do irmão mais se tem resentido do isolamento a que a sua indole de nostalgico maniaco o condemna.

Gautier, fallando de Jules de Goncourt, diz que Edmond era o espelho do sorriso do irmão. Espelho que nunca mais reproduziu o sorriso do companheiro inseparavel que lhe desappareceu!

E' o unico modo como se pode explicar a tristeza, o desprezo, o desdem soberbo e sympathicamente insolente que se nota na obra e nos prefacios dos ultimos livros de Edmond de Goncourt. Percebe-se nitidamente que um homem que teve os tardios triumphos alcançados pela lucta e pelo trabalho, ficasse com o espirito enlutado com a lembrança da morte do irmão, de Jules, morto extemporaneamente pela sensitiva litteraria.

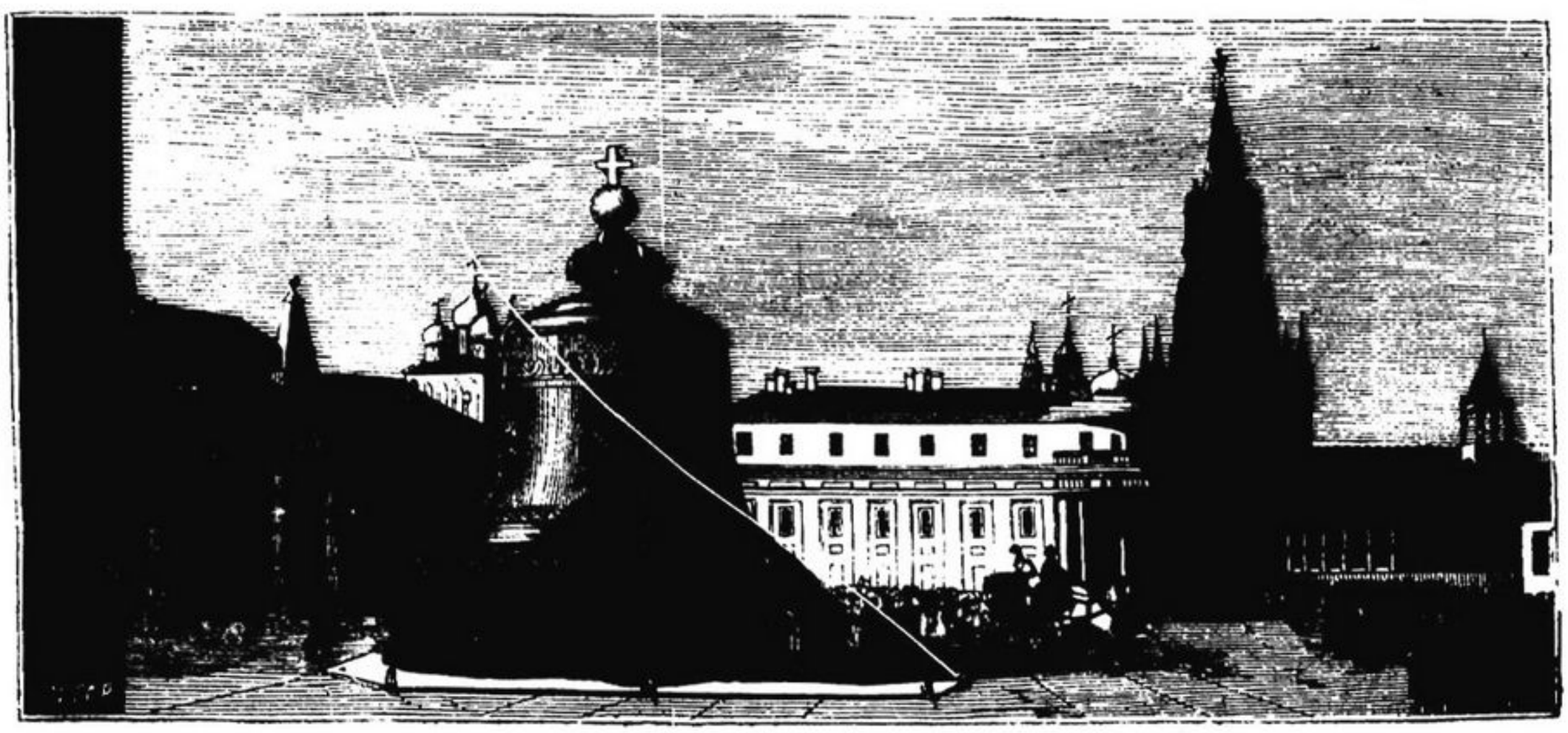
O [illegible] no seu Journal os contemporaneos. Quando estes os não elogiavam, elles mordiam-lhes. [illegible] maior parte dos litteratos do imperio, es-

que os seus julgamentos de então são os da actual geração litteraria.

No *Journal* se póde tambem ver que a nostalgia, a tristeza que embacia as horas, era commum aos dois irmãos. Do segundo volume do *Journal*, quasi todo escripto por Jules de Goncourt, conclue-se mesmo que este era o grande desconsolado e o irmão o grande animador.

Afinal, o que estes dois grandes talentos eram, é dois grandes enigmas. O vivo, porém, é o enigma mais interessante. Não que elle não seja bem claro nas suas conclusões litterarias. N'este ponto é tudo quanto ha de mais positivo. Oiçam-n'o. Na pagina XIV do prefacio da *Chérie*, Edmond de Goncourt conta que, passeiando, em 1870, com o irmão, no Bosque de Bolonha, este parára bruscamente, e dissera:

«Isto não faz nada... olha... podem negar-nos quanto quizerem... Mas hão de reconhecer um dia que nós fizemos *Germinil Lacertreux* e que *Germinil Lacertreux* é o livro typico que tem servido de modelo a tudo o que se tem feito depois de nós sob o nome de realismo e de naturalismo.»



O SINO DE MOSCOW

E continua por este tom, concluindo por dizer que fôram elles que levantaram os tres grandes movimentos litterarios e artisticos da ultima metade do seculo dezenove. Jules termina com esta phrase:

«Bem! quando se fez isto... é realmente difficil não vir a ser alguem no futuro.» Ao que Edmond ajunta:

«E, no meu entender, o passeiante moribundo do Bosque de Bolonha tinha talvez razão.»

Eu citei estas phrases justissimas não para censurar os Goncourt de soberba, censura, de resto, idiota, que só se pode admittir n'esses diccionarios erradissimos de Larousse, de Vapereau e outros ignorantes em assumptos de arte. Citei, para se ver a que ponto elles levam o seu radicalismo e o seu desprezo.

*

Edmond de Goncourt escreveu, morto o irmão, *La Fille Elisa*, *La Faustin*, *Les Frères Lemganno*, e *Chérie*, romances; *La Maison d'un artiste au XIX siècle*, e *Madame Saint Huberty*, estudos de critica de arte.

De certo que estes ultimos livros não teem as paginas nervosas de *Charles Demailly* e *Manette Salomon*, esses dois admiraveis estudos artisticos da vida do homem de lettras e do pintor.

Mas isto succede tambem com *Germinil Lacertreux* e *Madame Gervaisais*, romances em que não ha as paginas enthusiastas [illegible]

La Faustin e *Chérie* agradam-nos mais como a expressão [illegible] do talento do ultimo dos Goncourt.

Les Frères Lemganno, essa amavel fantasia, é a historia de dois palhaços, um dos quaes quebra as duas pernas. E' curioso, e muito, o prefacio d'este livro, prefacio cheio de admiraveis conclusões sobre o moderno movimento litterario.

*

A vida anedoctica dos irmãos Goncourt não existe para nós. Estes homens, que tanto observaram os outros, não nos deixaram sobre as manias d'elles, Goncourt, nenhuma nota pittoresca.

Não sabemos se se deverá dar o nome de mania á fundação da Academia Goncourt, academia composta de dez membros, todos prosadores, e já nomeados no testamento de Edmond de Goncourt. Estes academicos ganham annualmente uns poucos de mil francos e corôam annualmente, tambem, com o premio de 6:000 francos, o melhor livro de prosa.

Os jornaes francezes quando deram esta noticia, tiveram a indiscripção de nomear os membros. Alguns publicaram cinco listas diversas. A mais provavel era uma, publicada na *Illustration Universelle*, em que entravam os nomes de Daudet, Zola, Barbey d'Aurévilly, Maupassant, Paul Alexis, etc., etc.

*

Concluindo, o talento dos Goncourt é mais para ser admirado pelos artistas, os homens do *métier*, os que, como elles, se dedicam ou se dedicaram ao trabalho de fazer phrases em que ha idéas e de escrever romances em que ha muita arte

Elles mesmos, no seu *Journal*, citando um dito de d'Alembert, dizem:

«Desgraçado o talento que só póde ser admirado pelos artistas». Eis uma das maiores tolices que se têem escripto. E' de d'Alembert.»

Têem razão. E com Flaubert dá-se o mesmo caso.

Estes artistas recolhidos, estes homens que viviam para a arte, não estão longe de ser uns grandes benemeritos. Edmond e Jules de Goncourt e Gustave Flaubert, fôram os antecessores de Zola e Daudet e do labor poderossissimo dos dois ultimos. O talento dos cinco é inexcedivel.

Sómente Zola e Daudet encarregaram-se de fazer entrar na massa do publico o grande movimento que Flaubert e os Goncourt — demasiado artistas para descerem ao meio da multidão e demasiado romanticos no meio do seu naturalismo, — iniciaram, mas não [illegible]

Mas tu, no entanto, leitora amavel, lê *René Maucorin*, *Charles Demailly* e *Manette* [illegible] que te

[illegible]